

OS “CONTOS DE ENGANAR A MORTE” E OS EXPERIMENTOS DE LEITURA E MEDIAÇÃO COM ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.¹

Andréa de Castro Cidrak²

Orientadora: Dr^a Lilian Rodrigues³

RESUMO

Este artigo apresenta o desenvolvimentos e os resultados de intervenção realizados com alunos dos anos finais do ensino fundamental, da Escola Padre Antônio Monteiro da Cruz, situada em Fortaleza. Para tanto, foram desenvolvidas ações pautadas no incentivo à leitura por meio da mediação em sala de aula proporcionando uma aprendizagem espontânea, na qual os sujeitos são estimulados a procurar na leitura uma fonte a mais para o conhecimento. Como objetivo procurou resgatar as diferentes linguagens - oral, escrita, artística - no contexto escolar onde os alunos estão inseridos. Foram trabalhadas oficinas pedagógicas planejadas segundo à sequência básica proposta por Rildo Consson (2018), realizadas a partir da obra “Contos de enganar a morte” de Ricardo Azevedo. As atividades tiveram início com a leitura dos textos, enfatizando os aspectos das lendas folclóricas e suas versões. Foram feitos estudos relacionados às construções particulares dos contos do autor e suas variantes. Paralelamente, os alunos realizaram pesquisas sobre o tema em outros textos e filmes. Autores, como Solé (1998), Magda Soares (1999), Antonio Candido (2002, 2004), e Rildo Cosson (2007, 2018) auxiliaram tanto no processo de reflexão sobre o ensino de literatura, como também nas estratégias metodológicas utilizadas para a abordagem e execução da leitura da obra. As atividades culminaram na elaboração de um conto para produção de um livro com textos dos alunos e na organização de apresentações artísticas baseadas em um conto da obra estudada. Os materiais produzidos foram compartilhados com a comunidade escolar.

Palavras-chave: Mediação, Contos Populares, Ricardo Azevedo, Morte.

INTRODUÇÃO

O trabalho foi desenvolvido durante o mês de agosto de 2019 por alusão ao folclore com as turmas de oitavo e nono ano. Objetivamos mostrar o uso da linguagem folclórica em diferentes situações e contextos, direcionando-a para uma ação pedagógica que possibilitou ao aluno a leitura e o estudo de 4 contos da obra “Contos de enganar a morte”, e, ainda proporcionou a eles fazerem um contraponto direto com a realidade cultural do contexto em que vivem.

Cosson, defensor do ensino da literatura abalizada nos métodos do letramento literário, assegura que “no ambiente escolar, a literatura é um *locus* de conhecimento e, para que

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda do PROFLETRAS/ UERN/ CAWSL ASSU E-mail: accidrak@hotmail.com

³ Professor orientador: Doutora, PROFLETRAS/ UERN/ CAWSL ASSU E-mail: rodrigueslilian@yahoo.com.br

funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada” (COSSON, 2018, p. 26). Para isso é necessário mudar certos “hábitos” e alguns conceitos que, embora bem-intencionados, levam a uma abordagem errônea do ensino da literatura na escola. Primeiramente, deve-se abandonar a ideia de que ler por deleite, o ler por ler, faz parte de uma atividade literária, segundo ao autor, “Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário”, é necessário ir além da simples leitura se se quer ampliar a formação de leitores e ampliar a educação literária.

Vale ressaltar que, na maioria das vezes, é na escola que se aprende a ler e é lá também que nos são apresentados mecanismos de interpretação que usamos ao ler um livro, por isso, a leitura feita, necessariamente, na escola pode e deve ir além do prazer. Com a mesma intenção, o autor descobriu a ideia de que ler é um ato solitário, o que seria mais um obstáculo na tentativa de adequar o ensino da literatura na escola. Para validar essa desconstrução, Cosson (2018, p.27) explica que, “[...] ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.”

Essa passagem revela que todo leitor precisa estar aberto às leituras para compreender o seu mundo e o mundo do outro, que é por meio delas e das interpretações sugeridas que o leitor entende que ler é um ato que pode transformar não só a si próprio, mas também a sociedade na qual ele está inserido.

Outro equívoco, relacionado à questão de que ler é uma atividade individual, levantado pelo autor, é presumir que a literatura não pode ser compartilhada, contudo o que acontece é justamente o oposto, como Cosson (2018, p.28) explica: “o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite ter com o mundo e com os outros”. Ao compartilhar com o outro os sentidos produzidos pela leitura de um texto, o leitor comprova que ler não é um ato solitário, isso confirma mais uma vez o grande valor que a literatura tem dentro da escola. Somado a isso, o autor ainda ressalta a importância de analisar um texto literário, ele mostra que, ao contrário do que se pensa, que análise literária destrói “a magia e a beleza” da obra, “analisar o texto permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade” (p.29).

Na escola, cabe ao professor estimular a capacidade interpretativa dos seus alunos e explorar ao máximo tudo aquilo que o texto oferece, a fim de fazer os alunos perceberem tudo o que o texto se propõe a dizer e nele encontrem um sentido, a respeito disso, Cosson (2018, p.29) explica:

“[...] É seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.”

Em virtude do que foi mencionado, para escolarizar a literatura e formar leitores conscientes e autônomos aptos a perceber que a literatura é capaz de humanizar, não basta apenas ler, pois ler não é um ato simples. Portanto, os desafios das instituições escolares é desenvolver praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam decifrar o sistema de escrita. É fundamental que a escola forme leitores críticos, capazes de ler entrelinhas e assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem. E é na escola que o leitor encontrará os instrumentos necessários para sua proficiência e, conseqüentemente, amplitude do seu senso crítico.

O papel do professor na formação do leitor: a importância da mediação

O grande desafio para o professor que almeje dar sentido à sua prática é conseguir dialogar com seus alunos, tendo em vista que o objetivo disso é fazer com que eles avancem em direção a um desenvolvimento intelectual cada vez mais aprimorado. Para tanto, o professor deve ter a seu serviço o conhecimento e a capacidade de observação, elementos que devem andar sempre juntos do processo educativo. No que tange à leitura, o professor, não somente o de língua portuguesa, precisa estar atento e atualizado quanto às suas práticas leitoras, pois ele, muitas vezes, é o veículo das histórias e informações que transportam o conhecimento aos seus alunos.

Já sabemos que cabe ao trabalho com o livro literário, na escola, um papel fundamental e privilegiado na formação de leitores proficientes, em função do caráter específico de sua estrutura e de sua linguagem. Três justificativas fundamentais alicerçam esta ideia. Inicialmente, a literatura fomenta no leitor, a curiosidade e o interesse pela descoberta; permite que ele vivencie situações pelas quais jamais passou, alargando seus horizontes e tornando-o mais capaz de enfrentar situações novas. Em segundo lugar, a literatura possibilita a internalização, além do registro padrão da Língua, de estruturas linguísticas mais complexas, desenvolvendo de modo globalizado o desempenho linguístico do falante. O último dos aspectos diz respeito à importância da leitura no desenvolvimento de estruturas de pensamento, com evidentes repercussões no desenvolvimento do raciocínio lógico do aluno.

O desinteresse dos alunos pela leitura pode ter como uma das causas o oferecimento, ano após ano, dos mesmos livros, as mesmas histórias, supondo atividades iguais para todos os alunos como se eles fossem iguais.

Cabe ao educador refletir e mudar sua prática pedagógica. A leitura precisa ser vista como uma possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha a ter uma função atual, verdadeiramente recreativa e estética – e por isso social e renovadora - entre atividades da criança e do adolescente. Isso ocorrerá com facilidade quando a literatura for um valor para o próprio estudante.

Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor em sala de aula. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ler para os seus alunos, ligando-os ao prazer do texto.

A preocupação com o papel do professor nesse processo de convívio com a leitura, tanto da parte dele quanto da parte dos discentes, fundamenta-se na ressalva de vários autores da área educacional sobre a necessidade de o professor ter domínio em diversas áreas do conhecimento. E como o processo de formação de leitores envolve igualmente docentes e discentes, é primordial que o primeiro desempenhe a função primordial de bom leitor e principalmente de mediador. Assumindo o professor esse papel há uma enorme possibilidade de promover às crianças, aos jovens e até aos adultos, dependendo do ciclo em que atua, experiências significativas com leitura, possibilitando o contato com o aspecto lúdico da linguagem, a convivência com a arte literária, o despertar para gosto estético e a compreensão do agir do outro e do mundo que o cerca.

Em relação à mediação, especificamente com obras literárias, que é o que nos interessa, entende-se tanto o envolvimento afetivo do professor para com elas, como a realização de práticas de leitura em sala de aula ou em outras instâncias do ambiente escolar. Muitas vezes é através dessa mediação que ocorre o diálogo entre o leitor e o texto, pois nesse momento, o professor não pode esquecer que é de sua responsabilidade criar condições para o encontro do aluno com a literatura e explorar as potencialidades do texto, inclusive analisando-o para que o leitor se torne mais íntimo a cada leitura.

Cosson explica que o professor não pode agir com preconceito diante do texto literário e que este não serve apenas para admiração e reverência, o que muitas vezes causa distância do leitor, pelo contrário, é dever do professor:

“Explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma

busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (2018, p. 29).

Em suma, nas palavras de Rildo Cosson “ler é um ato solidário” e como tal acarreta em compartilhamento de visão de mundo entre os homens e na escola, por intermédio do professor, a leitura literária tem a função de amparar as diversas formas de ler e interpretar e não apenas provocar a criação do hábito de ler, mas o fazer com direcionamento e com instrumentos capazes de proporcionar ao leitor uma abertura de olhos para multiplicidade de linguagens e entendimentos que permeiam do mundo.

METODOLOGIA

A esquematização de atividades que envolvam leitura promove de maneira mais adequada a inserção do aluno no universo da cultura letrada e, conseqüentemente, desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade. Para Solé (1998, p. 62), o ensino da leitura deve: “...garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem”. A autora ainda assegura que: "Nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido". (SOLÉ, 1998, p.91). Compete ao professor ter conhecimento e bom senso ao determinar os materiais a serem lidos por sua turma, levando em conta fatores fundamentais como: idade, situação sociocultural, extensão do conteúdo, interesse e assunto. O educador consegue tal propósito ao planejar adequadamente as atividades de leitura e selecionar com critério os materiais que serão trabalhados, tomando decisões sobre as necessidades prévias do aluno, despertando o gosto pela leitura, fazendo-o progredir em seu conhecimento.

As oficinas literárias: o encontro entre leitores e leituras

Como já mencionado, a sequência básica voltada para abordagem de textos literários no ensino fundamental proposta por Rildo Cosson (2018) serviu de base na qual se apoiou a proposta metodológica deste trabalho. Essa estratégia é constituída de atividades sistematizadas de leitura e interpretação integral de uma obra literária e contempla quatro passos: motivação, introdução leitura e interpretação, esquematizados as seguinte forma:

Motivação: preparar o aluno para leitura do texto

- ✓ Elemento da motivação: o tema do texto a ser trabalhado; observação da estrutura do texto a ser trabalhado e da estrutura temática do texto a ser trabalhado.
- ✓ Atividades com elementos lúdicos; integrar leitura, escrita e oralidade.
- ✓ Duração: uma aula

Introdução: apresentação do leitor e da obra

✓ Informações básicas sobre o autor, ligadas ao texto a ser lido; optar ou não por antecipar parte do enredo, estratégia para despertar a curiosidade do leitor; apresentação da obra e sua importância, justificando a escolha; apresentação física da obra e exploração dos elementos paratextuais (“leitura” coletiva do objeto do livro); levantamento de hipóteses sobre a “leitura” feita (orelha, capa, contracapa) e justificativa da primeira impressão após o término da leitura integral da obra; leitura das impressões críticas e do prefácio.

✓ Atividades: seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, ênfase em determinados aspectos dos paratextos; deixar que o aluno faça por si mesmo essa atividade.

- ✓ Duração: uma aula

Leitura: acompanhamento da leitura

✓ Acompanhamento sem policiamento, a fim de auxiliar os alunos em suas dificuldades; leitura de texto curto (em sala de aula) ou leitura de texto extenso (fora de sala); aplicação de intervalos (no máximo três) para a apresentação dos resultados das leituras dos alunos; caracterização dos intervalos: leituras de textos menores que tenham ligação com o texto maior; leitura conjunta de um capítulo ou trecho de capítulo, para ser trabalhado estilisticamente em microanálise; atividades do intervalo: período destinado a perceber dificuldades de leitura (vocabulário, estrutura composicional, interação com o texto, ritmo e leitura).

- ✓ Atividades: as mesmas indicadas para os intervalos
- ✓ Duração: definição do período necessário para a realização da leitura, dar até três intervalos.

Interpretação: construção de sentido do texto

✓ Construir o sentido do texto, por meio de interferências: partir do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar a construção do sentido do texto; momento interior: decifração de palavras, páginas, capítulos, até chegar à apreensão global da obra; momento exterior: concretização da interpretação

como de construção de sentido; compartilhamento das interpretações dos alunos: reflexão e exteriorização das interpretações; registro das interpretações: desenho, música, resenha, performances, diário anônimo, colagens, maquetes, júri simulado, feira do livro, produção literária.

- ✓ Atividades: as mesmas propostas para o registro da leitura.
- ✓ Duração: suficiente para o término da etapa.

Aspectos Metodológicos: a mediação posta em prática

Dois motivos serviram de incentivo para trabalhar com os *Contos de enganar a Morte* (2005). O primeiro foi proximidade do tema com a realidade dos alunos, tendo em vista que a morte, muitas vezes é banalizada pelos meios de comunicação aos quais os alunos têm acesso, o que a torna algo rotineiro, pois diariamente eles são levados a assistirem aos programas de televisão que têm como pauta as tragédias que envolvem o tema. A obra traz uma outra perspectiva sobre a morte, pois trata-se de narrativas populares que têm como ponto comum o herói que luta para vencê-la. Além de levantarem o assunto possibilitando, portanto, interessantes reflexões divertidas e mostrando um desejo incessante de viver.

Neste 15º livro sobre folclore brasileiro de autoria de Ricardo Azevedo, há uma conversa entre leitor e escritor. Este diálogo faz com que a leitura da obra aconteça de maneira descontraída, ainda mais quando trata de um assunto um tanto que "pavoroso". A obra que prende a atenção do leitor, do início ao fim, conta com uma narrativa simples e objetiva, talvez, aí esteja o segredo do texto agradável de Azevedo.

Seguindo a ordem da sequência básica proposta por Cosson, o primeiro instante das oficinas foi o da motivação. Antes de apresentar os textos, foi exibido no *Datashow* diversos objetos que permeiam as histórias do livro: baralho, velas, um banco, terra, foice, diabo, uma imagem representativa da morte, castelo, cavalo, etc. Ficou elucidado que a morte, no livro, seria apresentada sob um aspecto diferente ao daquele que é mostrado em programas policiais. De início, o tema causou estranhamento por parte de alguns alunos que achavam o tema muito "pesado" e falaram que não gostavam de falar sobre isso. De prontidão, esclareceu-se novamente que o objetivo da obra não era explorar a morte como eles estavam acostumados a ver nos jornais, mas deixou para explorar esse aspecto no momento seguinte. Ao ver as imagens os alunos teriam que fazer a relação com o tema que seria explorado quando a leitura iniciasse.



Figura 1- Motivação - Exposição dos elementos que compõem os enredos dos contos

Após esse primeiro momento, deu-se início a apresentação de Ricardo Azevedo por meio de um vídeo exibido no *youtube* no qual o autor fala sobre como deu início à sua carreira de escritor e também foi apresentada a obra em seu formato original para que os alunos manuseassem e observassem os desenhos, estrutura dos textos e os elementos paratextuais. A professora enfatizou ainda que Ricardo Azevedo também ilustrou a própria obra com desenhos de cordéis, o que enalteceu ainda mais a cultura popular abordada pelo autor em seus textos.

Para os alunos foram disponibilizadas cópias, embora Cosson afirme que o ideal seria que os alunos trabalhassem com obras originais, as escolas públicas ainda não dispõem de um acervo que contemple todos os alunos.

O terceiro e o quarto instante, o da leitura e o da interpretação, foram trabalhados concomitantemente. De maneira colaborativa com os alunos, o mediador iniciou a leitura dos contos promovendo intervalos para levantar questões acerca da linguagem utilizada pelo autor, o tom de humor, ressaltar e explorar as ilustrações em cordel, as figuras de linguagem utilizadas na construção do texto, a relação de sentido entre palavras e expressões usadas para caracterizar o termo morte, a diferença de sentido no uso da letra M nas palavras morte e Morte, as frases de efeito para demonstrar passagem de tempo, as peculiaridades dos personagens, as características comuns a todos os contos da obra, assim como também, as características do gênero conto. Quanto ao vocabulário desconhecido, procurou-se permitir que os alunos tentassem compreender as palavras pelo contexto numa primeira leitura. Outras atividades incluem a busca de palavras de valor semântico semelhante para entender como as repetições

ampliam o sentido de um conto ou identificar palavras antagônicas justapostas para compreender o sentido que estão construindo no texto.

Nesse momento é importante considerar que, enquanto não se desenvolve autonomia na leitura, o aluno precisa contar sempre com o apoio do professor e da turma. Quando o texto é de difícil entendimento, é preferível que o professor apresente essa primeira leitura, valorizando a dramaticidade dos diálogos e a sonoridade do texto. Para isso, é preciso conhecer muito bem o texto, fazer marcações e planejar sua leitura. Já um texto de estrutura mais simples pode ser lido de forma colaborativa pelos estudantes. Ao ouvir um deles lendo de forma mais dramatizada, o outro também se inspira a fazer de forma parecida. E eles percebem que essa leitura que respeita a marcação de entonação do texto e a pontuação facilita muito o entendimento. É importante atribuir a responsabilidade da leitura aos alunos, mas de forma segura, sem desqualificar sua leitura, o que pode acabar afastando-o da literatura. Os aspectos relacionados à leitura deram suporte à realização da atividade de dramatização proposta para culminância do trabalho com a obra.

Por último, o trabalho com os contos rendeu uma proposta de ressignificação da obra em diferentes linguagens artísticas: dramática, prosa, apresentações/seminários. As produções viraram um vídeo produzido pelos alunos, um livro coletivo com textos baseados nos temas apresentados na obra e uma exposição dos cenários dos contos, na qual os alunos prepararam ambientes baseados nos elementos que compunham os espaços apresentados nas histórias. As produções foram exibidas em um dia destinado à culminância do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ações pedagógicas que visem a proficiência leitora dos alunos e que exerçam uma aprendizagem por meio de estratégias embasadas é garantia de um trabalho que eleva a qualidade do ensino e, nesse caso, do ensino com literatura.

As estratégias aqui apresentadas se moldaram no perfil dos alunos, buscando explorar um tema relativo a sua realidade, favorecendo o incentivo da leitura de forma lúdica, através de atividades que culminaram em resultados satisfatórios, conforme descritos nesse trabalho. Para tanto, os momentos de mediação da leitura são fundamentais para a formação de leitores proficientes. Na prática da motivação, por exemplo, os alunos se mostraram reticentes quanto ao tema morte, contudo quando foi apresentado o objetivo da obra, passaram a ter outra visão sobre o assunto, uma visão permeada pela experiência literária que se iniciaria a partir dali. Essas estratégias se configuram como ferramentas que devem estimular o gosto pela leitura, utilizando a ludicidade como base dessa formação ao longo do processo educativo, a fim de

garantir leitores proficientes e produtores de textos eficientes. E essa produção pode-se dar em diferentes aspectos, pode-se, inclusive, fugir do lugar comum quando se propõe exercícios que englobem unicamente a compreensão textual, sem se ater às notáveis peculiaridades que o texto literário possui. A mediação pode ser uma maneira bem eficaz para apresentar uma obra literária ao aluno, ainda mais quando a intenção é formar um cidadão crítico que seja capaz de sobressair aos percalços que ele encontra dentro e fora da escola. Dentre vários autores já estudados e que ainda se quer estudar para direcionar as leituras na, Ricardo Azevedo parece ser uma ótima opção, ainda mais se se quer trabalhar com folclore ou literatura popular, pois levam os leitores a uma leitura prazerosa, divertida e repleta de significados.

Quanto às práticas metodológicas, a sequência básica mostrou-se uma estratégia eficiente para promoção do letramento literário nos anos finais do ensino fundamental. Posto que, por meio de exercícios sistematizados em torno da obra, os alunos foram levados a refletir e interagir sobre o objeto, além de construir seus próprios significados sobre o que foi lido. Ao professor oferece um método de planejamento antecipado e melhor elaborado, com aulas mais diversificadas, além de proporcionar a leitura da obra integralmente, o que promove mais motivação a todos os envolvidos no processo.

CONCLUSÃO

Na prática, verificou-se que o caminho a ser percorrido pelo professor para escolarização da literatura e formação de leitores é longo e não tão fácil, além do que, não deve ser idealizado sozinho, é preciso que a escola e a família sejam parceiras para que se alcance o sucesso. Quanto ao professor, deve ser um mediador atualizado e entusiasmado, além disso, deve promover condições para que o encontro do aluno com o livro seja carregado de sentidos, confirmando assim, que a escola é um espaço adequado para a formação de leitores e que o letramento literário é uma parte grande relevância nesse processo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um texto em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 62.